



O TRABALHO PSICO-CORPORAL COM CASAL, FAMÍLIA E GRUPOS

José Henrique Volpi

RESUMO

O corpo se comunica por meio de gestos, posturas, tom de voz, etc. Portanto, é imprescindível conhecer essa linguagem para que possamos desenvolver um bom projeto terapêutico. Realizar um trabalho psico-corporal com casal, família e grupos é extremamente motivador, mas requer alguns cuidados. A proposta deste seminário é abordar alguns tópicos importantes que devem ser levados em conta na construção de um projeto terapêutico, bem como demonstrar algumas técnicas que podem ser usadas como recurso psicoterápico.

Palavras-chave: Análise Reichiana. Campos energéticos. Terapia de Casal. Dinâmica de Grupo. Reich.

.....

Durante minha experiência clínica com casais, famílias e grupos, venho percebendo cada vez mais a falta de afeto, limites e respeito entre as pessoas e a emergência de inúmeros sintomas que são apenas a ponta de um enorme iceberg, que quando emerge, provoca inúmeras catástrofes e rompimentos. A meu ver, faz-se urgente o resgate desses valores no ser humano para que possamos pensar na possibilidade de construir um mundo afetivamente melhor. E para que esse resgate de valores possa ocorrer é importante o olhar para dentro de cada um de nós e buscar resolver nossos conflitos emocionais para que não projetemos no outro nossas frustrações, desejos, inseguranças e os responsabilizemos pelos nossos fracassos. Fazer uma terapia (análise) de casal, de família ou em grupo, tem a sua validade, mas uma análise individual muitas vezes é mais promissora porque irá buscar a resolução das dificuldades da pessoa ensinando-a a lidar com essas dificuldades em qual contexto aparecer, seja no casal, na família ou no grupo.

Partimos do pressuposto de que todo conflito é expresso em forma de sintoma, e que todo sintoma esconde por detrás um bloco enorme de conflitos. É como se o sintoma fosse apenas a ponta de um iceberg, que deixa submerso a base, que é o que deve ser tratado.



VOLPI, José Henrique. O trabalho psico-corporal com casal, família e grupos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Consideramos que um comportamento é expresso em forma de movimento e na base de todos movimento, seja ele de qual magnitude for, está implícito um fenômeno energético. Isso nos faz pensar que há uma energia que coloca as pessoas em movimento, energia essa que é influenciada e rodeada por um campo energético maior. Um campo energético está sempre inserido em um campo energético mais amplo. Um bebê, com seu campo energético, está inserido em um campo energético maior que é o útero da mãe. O útero materno por sua vez, está inserido em um campo energético de magnitude maior que é o corpo da mãe, que por sua vez está inserido em um campo familiar, que está inserido em um campo social sendo este último inserido em um campo energético cósmico. Portanto, estabelecemos a constituição 5 campos energéticos a saber:

- 1) **Campo fusional:** é o primeiro campo energético que é estabelecido na relação entre o bebê (campo menor) e o útero da mãe (campo maior).
- 2) **Campo simbiótico:** é o segundo campo energético que é estabelecido na relação entre o bebê (campo menor) e a mãe (campo maior).
- 3) **Campo familiar:** é o terceiro campo energético que é estabelecido na relação entre o bebê (campo menor) e a família (campo maior).
- 4) **Campo social:** é o quarto campo energético que é estabelecido na relação entre o bebê (campo menor) e a sociedade (campo maior).
- 4) **Campo cósmico:** é o quinto campo energético que é estabelecido na relação entre o bebê (campo menor) e o mundo que o rodeia, no aspecto energético, o cosmos (campo maior).

O amadurecimento psicoafetivo de um indivíduo está diretamente relacionado à carga energética estabelecida entre o bebê, aos campos energéticos e às etapas do desenvolvimento pelas quais passa desde o momento, elementos esses que irá contribuir para a formação do temperamento, da personalidade e do caráter, fundamentais para um bom relacionamento na vida adulta, de forma a estabelecer relações afetivas de forma mais saudável, ou de forma mais patológica.



VOLPI, José Henrique. O trabalho psico-corporal com casal, família e grupos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Inúmeras pesquisas já apontaram que o ser humano necessita amar e ser amado para se desenvolver de forma saudável e emocionalmente equilibrada. Portanto, uma relação pode ser saudável quando é constituída pelo princípio do prazer, do respeito e do equilíbrio entre as pessoas. Já uma relação patológica, é formada com base na discórdia, nas brigas, nos desencontros. É quando projetamos no outro nossos desejos, nossos medos, frustrações, inseguranças, responsabilizando muitas vezes o outro pelo nosso fracasso.

O caminho que cada relação irá tomar está diretamente ligado à saúde emocional de cada um dos envolvidos que por sua vez está ligada aos bloqueios da energia em cada etapa do desenvolvimento que irá contribuir para a formação dos traços de caráter. Com base nas funções emocionais e fisiológicas, organizamos as etapas do desenvolvimento emocional (Volpi; Volpi, 2008), sob o aspecto da Psicologia Corporal, apresentadas resumidamente a seguir.

1) Etapa de Sustentação - vai desde o momento da fecundação do óvulo até os primeiros dias de vida. É a etapa que diz respeito ao suporte físico, energético e emocional que o útero dá ao zigoto quando fecundado e nidado nas paredes do útero para ser gerado, bem como o suporte que a mãe dá ao bebê nos primeiros dias após o nascimento. Uma vez que o bebê, ainda no ventre materno, sinte-se aceito e acolhido, não temerá o contato. Por outro lado, quando o útero e o contato materno forem “frios”, rejeitadores, ameaçadores, a postura adotada será a de retraimento, dificultando a integração entre as funções sensoriais, emocionais, energéticas e o mundo. Mais tarde, isso se refletirá nas atitudes de “abandonar” o outro por medo de ser abandonado, ser racional e pouco afetivo, esquivar-se do contato, etc. Esse é um padrão típico do traço de caráter esquizóide (Lowen, 1977) e Núcleo Psicótico (Navarro, 1995).

2) Etapa de Incorporação - corresponde ao período que vai desde o momento do nascimento até o desmame, que na visão da Psicologia Corporal deveria



VOLPI, José Henrique. O trabalho psico-corporal com casal, família e grupos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

acontecer até o nono mês de vida, já que o bebê tem dentes para triturar seu próprio alimento e precisa colocar em funcionamento a sua mastigação de forma a evitar o desconforto que os primeiros dentes trazem para a região da boca (oral). Se a amamentação e o desmame ocorrerem de forma saudável, respeitando o ritmo de desenvolvimento do organismo do bebê, na vida adulta será capaz de buscar sua independência. Caso contrário, quando o desmame deixar registros de uma repressão ou insatisfação, comprometerá emocionalmente essa pessoa que, quando adulto, terá dificuldades em sua capacidade de luta, defesa e independência adotando uma postura basicamente de dependência do outro, ou então compensando essa necessidade pelo extremo oposto, negando terminantemente esta necessidade de dependência. São pessoas que apresentam uma sensação de carência, de vazio interior, faltando-lhes força para concretizar a ação que levará à satisfação de suas necessidades. Tende a esperar que outras pessoas lhe satisfaçam, mas como a sensação de vazio permanece, tendem a se sentirem eternamente decepcionados. Esse padrão de funcionamento é típico dos traços de caráter oral (Lowen, 1977) ou borderline (Navarro, 1995).

3) Etapa de Produção - corresponde ao período onde se aprende a controlar dos esfíncteres, aprende as noções de limites, de ordem e de independência, que ocorre entre os dois e três anos de idade. Uma vez que a criança seja respeitada, do ponto de vista do funcionamento natural de seu organismo, na fase adulta será capaz de lidar de forma espontânea com a produtividade e com a autonomia. Entretanto, se a educação for severa em relação ao chamado treino ao toalete, aos limites, às punições, manipulada de acordo com a vontade dos pais e não da criança, na vida adulta, tornar-se-á uma pessoa manipuladora e sem capacidade de autonomia sobre suas próprias necessidades. Refletida na vida adulta, essa etapa dá a possibilidade de manifestação de alguns traços de caráter: compulsivo, obsessivo, psicopático e masoquista.



VOLPI, José Henrique. O trabalho psico-corporal com casal, família e grupos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN - 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

A limpeza, a ordem e o moralismo são, então, impostos como valores supremos e ensinados à criança nessa fase. Mais tarde, essa criança poderá tornar-se um adulto igualmente moralista, compulsivo, obsessivo.

A sedução de um dos genitores, coloca a criança numa posição de superioridade, ao mesmo tempo que lhe dá a sensação de ser melhor que todos as outras pessoas ao seu redor. Há uma evasão em relação aos sentimentos, o que contribui para a formação de um traço de caráter psicopático.

Se a criança for humilhada em relação à alimentação e à defecação, sendo que os pais determinaram quando e quanto a criança come e defeca, isso fará com que a criança carregue para a vida adulta essa sensação de que os outros é que devem lhe dizer o que, como, quando e quanto fazer, um traço de caráter conhecido por masoquista. Não respeita suas próprias necessidades, tanto emocionais quanto físicas e adota a postura de carregar o mundo nas costas, assumindo tarefas em excesso e exigindo muito de si mesmo, sem ter consciência dos próprios limites (físicos e emocionais).

4) Etapa de Identificação - também conhecida como fálica ou fase edipiana, é a etapa em que a criança descobre a diferença sexual anatômica entre meninos e meninas e identifica-se com o feminino ou com o masculino. A passagem saudável por essa fase garantirá o reconhecimento da própria sexualidade e permitirá que a pessoa busque na vida adulta, a sua satisfação sexual na relação com um parceiro, entregando-se prazerosamente. O comprometimento nessa fase acontece quando a criança é rejeitada pelos pais em sua sexualidade e reprimida em suas descobertas sexuais, que naturalmente estão ocorrendo. Tal atitude dos pais contribui para a formação dos traços de caráter fálico e histérico, que têm por característica um acentuado narcisismo, revelado num comportamento de exibicionismo e sedução. A estratégia é se tornar forte e invulnerável, a nível emocional, pois deixar transparecer os próprios sentimentos é ser vulnerável.



VOLPI, José Henrique. O trabalho psico-corporal com casal, família e grupos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

5) Etapa da Formação do Caráter - É a última etapa do desenvolvimento, onde ocorre a estruturação do caráter. Nela, a identificação com o mesmo sexo chega a seu ápice, evidenciando a masculinidade dos meninos e a feminilidade das meninas. Os órgãos sexuais são utilizados de forma madura na função natural de amor. Sem bloqueios, a pessoa é capaz de administrar de forma equilibrada suas necessidades físicas e emocionais e de permitir que as outras pessoas também o façam, sem interferir no movimento do outro, nem permitir que o outro interfira no seu. Entretanto, a grande maioria das pessoas chega nessa etapa carregando o registro de bloqueios sofridos nas fases anteriores, o que as impede de vivenciar a entrega plena à vida e ao prazer.

Entendendo os traços de caráter, facilita compreender a forma como as relações se estabelecem e possibilita a criação de um projeto terapêutico com base na maturidade caractereológica e por conseqüência na maturidade da relação.

Veremos resumidamente como as relações pode ser estabelecidas de forma patológica entre casais, família e grupos.

Casal

Na grande maioria das vezes, quando um casal nos procura no consultório, já vem com uma carga de emoções que está os dirigindo para uma separação e vêem na figura do analista a pessoa que tem como meta ajudá-los a salvar o casamento.

Nesse primeiro contato, conhecer a “queixa” desse casal, ou seja, o que está acontecendo na relação que faz com que precisem de ajuda de um profissional é fundamental, antes de quisermos emitir qualquer opinião ou querer traçar um projeto terapêutico.

Devemos quase sempre considerar que essa queixa é a ponta do iceberg, que as vezes é apenas o sintoma de um descontentamento muito maior. Em grande parte de minhas consultas, eu costumo atender os casais individualmente, trabalhando não apenas as questões que estão dificultando na relação, mas o que essas mesmas questões dificultam em outras relações



VOLPI, José Henrique. O trabalho psico-corporal com casal, família e grupos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

como por exemplo com os filhos, com os amigos, familiares, colegas de trabalho, etc. Atuar de forma sistêmica mostra que podemos ampliar a percepção dessa pessoa e ajudá-la a resolver não apenas sua questão no casamento, mas principalmente sua questão na vida.

Fazendo uso de técnicas da vegetoterapia breve, organizo a energia do segmento ocular de forma a flexibilizar a couraça desse segmento, responsável pela boa capacidade de ver, de enxergar e de interpretar. Acontece muitas vezes que erros de interpretação atrapalham o bom funcionamento da relação do casal. Um diz uma coisa e o outro interpreta de outra forma, distorcendo as vezes o real problema, ou então negando, acreditando que não é nada do que o parceiro reclama, etc.

Só depois de algumas sessões trabalhando com o segmento ocular e com tarefas de casa que diz respeito ao casal, é que costumo juntar o casal em uma mesma sessão, onde continuo com o trabalho corporal, mas agora com o casal.

Gosto muito de utilizar algumas metáforas para entender e explicar as dificuldades que o casal está tendo na relação. Vejo sempre um casal como se fossem dois retalhos que se juntam para construir uma colcha, sendo que cada pessoa seria um retalho de tecido diferente, espessura, cor, etc., ou seja, cada qual com sua beleza, limite e flexibilidade. Um casal quando se pretende ter uma vida conjunta, deve juntar seus tecidos e ambos se prepararem para a costura, mas para que a costura de dois tecidos fique reta e forte, é preciso um bom alinhavo, um bom ajuste, às vezes alguns recortes, para que os encaixes se enquadrem da melhor forma possível. Quando o tecido é bem costurado, dificilmente ele vai se soltar. Numa relação, quando é bem sedimentada, bem ajustada, bem traçada, dificilmente as tempestades emocionais que enfrentamos ao longo da vida, irão derrubar essa relação.

A questão não é você, vez ou outra, armar um barraco por algum tipo de descontentamento na relação. Isso muitas vezes significa até mesmo uma vontade de melhorar. O problema é quando esse padrão de funcionamento se repete por inúmeras vezes não deixando a relação amadurecer.



VOLPI, José Henrique. O trabalho psico-corporal com casal, família e grupos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Ciúmes, brigas, sentimento de posse, sadismo, etc, são questões construídas ao longo dos anos, por permissibilidade do casal. No início de uma relação elas não existiam, mas um ou ambos foram permitindo e não colocando os devidos limites, até que chega o momento que tudo fica insuportável, para um, ou para ambos, tornando a relação neurótica e doentia.

Quando o casal tem filhos, estes vivem e respiram um clima doentio e frequentemente são alvejados pela loucura dos pais.

Família

É muito comum ouvirmos em nossos consultórios queixas como: damos tudo aos nossos filhos e eles não correspondem às nossas expectativas; são distantes, exigentes, etc. Ou então: não aguento mais meus pais; eles vivem pegando no meu pé, não me dão liberdade, me controlam o tempo todo, etc.

Dar tudo ao filho, às vezes não significa corresponder àquilo que os filhos realmente precisam, que na maioria das vezes, mais do que estudo, educação, dinheiro, eles precisam de atenção e afeto. O mesmo podemos dizer com relação aos filhos onde tolher a liberdade, na grande maioria das vezes, também é sinal de cuidado; porém, às vezes esses cuidados excedem os limites daquilo que poderia ser uma boa relação.

Não queremos, nem devemos colocar a culpa toda nos pais, mas é importante considerar que os filhos são produtos do meio em que estão inseridos. Se os filhos forem criados com amor, afeto, diálogo e compreensão, tendo liberdade para expressar seus medos, angústias, incertezas, certamente terão a oportunidade de aumentar suas tolerâncias e aceitar melhor os limites a eles impostos pelos pais.

Muitos pais exigem dos filhos aquilo que não foram ou que não são e até mesmo impedem o crescimento dos mesmos tolhendo suas liberdades. Reich (1987) sempre prezou pela liberdade das crianças e dizia: “Deixe que as crianças decidam seu próprio futuro. Nossa tarefa é proteger sua força natural para que elas possam fazer isso” (p. 30)



VOLPI, José Henrique. O trabalho psico-corporal com casal, família e grupos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

Não devemos esquecer que a base da relação emocional saudável entre um casal, irá constituir também a base de uma relação saudável na família e posteriormente na sociedade (grupo). Quando o casal apresenta uma estrutura emocional frágil, esse reflexo irá interferir diretamente na formação emocional dos filhos e na forma como suas futuras relações irão se constituir.

Grupos

No que diz respeito ao trabalho com grupos, devemos lembrar que grupos são compostos por pessoas com as mais diversas histórias e comprometimentos, com as mais variadas defesas organizadas para lidar com os percalços encontrados ao longo do caminho.

Todo grupo vivencia de forma mais ou menos evidente, as mesmas etapas do desenvolvimento pelas quais passa qualquer ser humano, bem como pelos comprometimentos emocionais que ocorrem quando essas etapas são “frustradas”, apresentando dessa forma, como grupo, traços específicos de caráter, que o faz funcionar de uma ou outra maneira (VOLPI; VOLPI, 2009).

A formação de um grupo pode ser comparada ao nascimento e desenvolvimento de uma criança. A gestação, o nascimento e as experiências que o grupo vai acumulando gradativamente ao longo de suas vivências, proporcionarão registros em seu desenvolvimento e darão também o tom à sua forma peculiar de funcionar. Portanto, é importante compreender que cada grupo apresenta a sua história, seus traços de caráter, e conseqüentemente, seu funcionamento próprio. É também importante ressaltar que as características que surgem no grupo são relativamente independentes dos traços caractereológicos de seus participantes. Tão importante quanto se preocupar em ler as etapas do desenvolvimento de um grupo ou seus traços caracteriais é você estar atento, enquanto coordenador, em identificar e acompanhar as particularidades.

Considerações finais

Se durante a infância a pessoa teve a possibilidade de passar pelas etapas do desenvolvimento de uma forma saudável, passar pelos campos



VOLPI, José Henrique. O trabalho psico-corporal com casal, família e grupos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

energéticos sem grandes problemas e com isso estruturar sua vida emocional de forma fluida e construtiva, a probabilidade de se comportar na vida adulta de forma saudável será muito grande, o que irá permitir que lide com suas dificuldades enquanto casal, família e grupo de forma muito mais eficaz do que a pessoa que se estruturou de uma forma emocionalmente mais doentia. Portanto, a maturidade emocional traz segurança e nos torna aptos a lidar com os conflitos que irão aparecer em qualquer situação. Dessa forma, é importante cuidarmos de nossa saúde emocional da mesma forma que cuidamos de nossa saúde física, pois ela irá determinar a forma como nossas relações serão conduzidas, seja em que instancia for: casal, família ou grupo.

.....

REFERÊNCIAS

- DEL NERO, S. **Psicanálise das relações familiares**. São Paulo: Vetor, 2005
- LOWEN, A. **O corpo em terapia: a Abordagem Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1977
- NAVARRO, F. **Caracteriologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995
- REICH, W. **Bambini del futuro: sulla prevenzione delle patologie sessuali**. Milano: SugarCo Edizioni, 1987
- VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura! Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal**. 2ª edição. Curitiba: Centro Reichiano, 2008
- VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Dinâmicas da Psicologia Corporal aplicadas a grupos**. Curitiba: Centro Reichiano, 2009, vol. 1

.....

AUTOR

José Henrique Volpi/PR - Psicólogo Clínico (CRP-08/3685), Especialista em Psicologia Clínica, Psicologia Corporal, Anátomo-Fisiologia, Psicodrama, e Análise Reichiana (Vegetoterapia e Orgonoterapia). Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP) e Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Larga experiência em psicoterapia, coordenação de grupos terapêuticos e



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

11

VOLPI, José Henrique. O trabalho psico-corporal com casal, família e grupos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XV, X, 2010. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2010. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-18-7]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

workshops, com diversos cursos no Brasil e Exterior. Editor chefe da revista Psicologia Corporal e autor de diversas publicações na área da Psicologia Corporal. Organizador e Presidente dos Congressos de Psicoterapias Corporais.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br



CENTRO REICHIANO DE PSICOTERAPIA CORPORAL LTDA

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br